



Teatro “de” e “com” bebês andantes e crianças pequenas: uma perspectiva metodológica da *pesquisa com*

Theatre “of” and “with” walking babies and young children: a methodological perspective on *research Involving them*

Teatro “de” y “con” bebés y niños pequeños que caminan: una perspectiva metodológica de la investigación con

Janer Janer Moreira Lopes¹

Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora -MG/Brasil

Luiz Miguel Pereira²

*Pesquisador do GRUPEGI/UFF-UFJF e do AGE-UFF – Niterói-RJ/Brasil*³

Recebido em: 08/07/2025

Aceito em: 12/05/2025

Resumo

O texto é referente aos estudos de pesquisa do estágio pós-doutoral realizado no programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de atividade estética para bebês andantes e crianças, em dois espaços da educação infantil, assumindo o princípio metodológico da *pesquisa com*. Os estudos bakhtinianos e a teoria histórico-cultural embasam o recorte teórico que dialoga com a proposta de um teatro “de” e “com” bebês andantes e crianças pequenas, possibilitando atravessamentos epistemológicos entre conceitos que embasam a pesquisa com participação, enunciação, acontecimento, brincadeira, teatralidade do humano, releitura, escuta sensível, linguagem, autoria, cooperação, estética... A escolha de fazer uma releitura de Hamlet com os bebês andantes e crianças pequenas foi inspirada nas resenhas teatrais de Vigotski e de seus estudos sobre “A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca”, sua monografia, publicada em 1916.

Palavras-chave: Pesquisa com bebês andantes e crianças pequenas. Estudos bakhtinianos. Teoria histórico-cultural.

Abstract

This paper reports on postdoctoral research conducted within the Graduate Program in Education at the Federal University of Juiz de Fora. The objective is to present a proposal for aesthetic activities for walking babies and young children across two early childhood education settings, grounded in the methodological principle of research with participants. The theoretical framework draws on Bakhtinian studies and historical-

¹ jjanergeo@gmail.com

² luizmiguelp@gmail.com

³ GRUPEGI – Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia em Infância e AGE - Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Artesanias Geográficas e Educacionais

cultural theory, providing a basis for the concept of theatre “of” and “with” walking babies and young children. This framework enables epistemological intersections among concepts supporting research methodologies involving participation, enunciation, event, play, human theatricality, reinterpretation, sensitive listening, language, authorship, cooperation, and aesthetics. The decision to reinterpret Hamlet with walking babies and young children was inspired by Vygotsky’s theatrical critiques and his 1916 monograph, “The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark”.

Keywords: Research with walking babies and young children. Bakhtinian studies. Historical-cultural theory.

Resumen

El texto se refiere a los estudios de investigación desarrollados durante la pasantía postdoctoral realizada en el programa de posgrado en Educación de la Universidad Feredal de Juiz de Fora. El objetivo de este artículo es presentar una propuesta de actividad estética dirigida a bebés que ya caminan y a niños pequeños, en dos espacios de educación infantil, asumiendo el principio metodológico de la investigación con. Los estudios bajitnianos y la teoría histórico cultural sustentan el marco teórico, el cual dialoga con la propuesta de un teatro “de” y “con” con bebés que ya caminan y niños pequeños. Esto permite cruces epistemológicos entre conceptos que fundamentan la investigación con participación, enunciación, acontecimiento, juego, teatralidad humana, reinterpretación, escucha sensible, lenguaje, autoría, cooperación y estética. La elección de reinterpretar Hamlet con estos niños fue inspirada en las reseñas teatrales de Vygotsky y en sus estudios sobre La tragedia de Hamlet, príncipe de Dinamarca, su monografía publicada en 1916.

Palabras clave: Investigación con bebés que ya caminan y niños pequeños. Estudios bajtinianos. Teoría histórico cultural.

Introdução

Eu era criança
hoje é você
e no amanhã, nós
(Ângelo, Nelson, 1976)

Era uma vez... Tudo começou quando... Há muitos anos atrás ... Geralmente os contos de fadas e outras narrativas para crianças, desde bebês, começam invocando um tempo outro ao qual nos transportamos, pelo exercício da imaginação para além do instante que estamos vivenciando. Trata-se de uma experiência estética que embala nossa curiosidade e prazer pela escuta da história em suas temporalidades muitas e difusas. O “era uma vez” não marca um recorte temporal preciso, mas difuso para gerar uma vivência difusa... “qualquer tempo passado cabe nesse tempo invocado” e, mais do que isso, associado à frase que geralmente o acompanha... “em um lugar distante”, constitui um movimento instituinte de convite à beleza do disparato, pois convoca para um tempo e um espaço, para criar a própria suspensão no tempo e espaço: que tempo é esse? Que espaço é esse? Resta a força criadora da imaginação como a grande animação do humano. A potência do imaginar que nos arranca do presente, mesmo estando nele, nos arranca do espaço local, mesmo estando nele e com isso vai nos concedendo a possibilidade de viver um (exo)crono e um (exo)topos, que ficará em cada um de nós como a grande força de uma espécie que é a humana e sua capacidade de transcender a si mesmo e as amarras da

racionalidade reducionista a que somos submetidos cotidianamente.

A contação de história costuma ser uma atividade realizada para as crianças pelos adultos cuidadores. É uma lógica de apresentação de narrativas cujo objetivo é promover o interesse das crianças e bebês, por meio das técnicas de interpretação, com ênfase na entonação e nas variedades de linguagens que se expressam em uma narração: gestos, feições, sons, adereços, objetos, artefatos ganham a força da unidade intercoporal e interespacial, onde muitos encontros de afetos se gestam. Evidentemente que esse método educativo, enraizado na nossa cultura, tem origens em passados e geografias longínquas, tendo se formalizado em muitas instituições e grupos sociais, entre elas, na educação infantil.

A proposta deste texto é que possamos pensar num alargamento de uma atividade que convida as infâncias muitas a participar da contação da história, só que no gênero teatro. Este artigo objetiva compartilhar uma pesquisa de estágio pós-doutoral que se ateve em promover a adaptação livre do clássico de William Shakespeare, *Hamlet*, encenado pela primeira vez em Londres, em 1605, numa atividade com bebês e crianças pequenas.

Assim, assumimos neste artigo a pesquisa com bebês e crianças pequenas enquanto recorte metodológico que orientou a elaboração da adaptação das cenas, numa perspectiva de releituras livres, inspiradas no texto teatral. Foram dois encontros com crianças e bebês andantes: o primeiro com idade de 3, 4 e 5 anos, classe de multi-idade, e o segundo com crianças e bebês andantes com idade de 3 e 4 anos.

Foram selecionadas cinco cenas: a aparição do rei assassinado, a corte e o novo rei, o metateatro, a morte de Ofélia e a ontológica cena de *Hamlet* “ser ou não ser”. O processo de planejamento da atividade foi devidamente agendado com a Unidade de Educação Infantil do COLUNI-UFF, em Niterói-RJ, e com a Creche Estrelinha Azul, em São Gonçalo-RJ. Todos os adereços, os figurinos e o cenário foram transportados em duas malas grandes. O figurino consistia em calça tailandesa, meias, camisa de malha preta ou bata indiana, com gola *ruff* e punhos com babados. A narrativa foi adaptada e as cinco cenas foram montadas com as crianças.

A pesquisa dialogou com a teoria histórico-cultural e com os estudos bakhtinianos, sobretudo no campo da linguagem: “A atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos” (Bakhtin 2016, p. 78). Mas aporta-se em nossa escolha ética e responsiva de assumir que a condição criadora humana, a grande força que nos torna

humanos, está no encontro, nas fronteiras, nos liames e derivas que somos e estamos, para daí emergir o novo. Qualquer vivido, qualquer vida é sempre vivência de muitos elos, não estamos em nós, mas o nós está em junção nos eus...eis a dimensão humana que assumimos.

Inspirados no poeta, citado na epígrafe, “e no amanhã, nós”, revela-se a unidade indissociável das conexões entre a arte e a vida e, portanto, dos processos autorais vividos pelos bebês e crianças, nos instantes em que ficamos juntos, nos acontecimentos, cuja percepção exige uma escuta qualificada e sensível, para lembrar as palavras clássicas de Barbier (1992). E foi com esse espírito de entrega que mergulhamos na oferta dessa atividade com os bebês e crianças pequenas, cujo resultado comungamos neste artigo e convidamos a quem nos lê estar [com/n][osco].

Esta pesquisa está vinculada com as perspectivas do estágio pós-doutoral “Uma leitura do teatro de crianças a partir das resenhas teatrais de Levi Semyonovich Vigotski” pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A brincadeira foi um dos conceitos-chave de Vigotski que adotamos para a realização desta pesquisa. A profa. Zoia Prestes, pesquisadora da teoria histórico-cultural, realiza traduções de Vigotski e cedeu gentilmente uma tradução das resenhas teatrais do autor para publicar na tese (Pereira, 2028) que aqui reproduzo, por dialogar com um teatro de crianças.

Sobre o teatro infantil:

Há pouco tempo, tive a oportunidade de assistir a um teatro infantil. Vieram crianças e me chamaram. As crianças interpretavam uma peça que aprenderam sob a direção da atriz A. Vassilieva.

Sabe-se que, em um espetáculo infantil, o adulto olha tanto para o público, quanto para a cena e pelo público pode com mais facilidade julgar se o que está ocorrendo em cena é bom e se está ou não atingindo o espectador. Um dos críticos fez assim: ao invés de escrever uma resenha sobre um livro infantil, publicou a opinião do seu pequeno filhinho sobre ele.

Então, o tempo todo pensei: se, seguindo este método, pudesse publicar o que acontecia nos rostos do público, quando o mais velho, provavelmente, tinha um pouco mais de dez anos, o tipógrafo teria que compor mais ou menos o seguinte – *que interessante é o teatro infantil, na república infantil deve ter um subdepartamento no comissariado da interpretação (ou brincadeira)*.

A questão para o adulto é extremamente difícil e provocou uma grande polêmica na literatura pedagógica russa: devem as crianças interpretar ou brincar de teatro e como. Tenho fortes dúvidas a respeito do fato de que os rostos infantis tenham vantagem por causa de uma simples maquiagem, e também por causa de o conto de fadas meloso e a bobagem de crocodilo se configurarem no único material para o teatro e a literatura infantis. Existem países inteiros de seriedade infantil e de brincadeiras profundas. Olhem, como a criança brinca com *seriedade*.

E mais: o teatro para crianças ou teatro das crianças. Numa palavra – para o adulto existe um monte de questões pedagógicas, artísticas, um monte de dificuldades e

dúvidas insolúveis naquilo que é denominado teatro infantil.

Porém, para a criança, está tudo decidido e tudo claro: o teatro para ela é uma brincadeira elevada (ou seja, duas vezes mais interessante), e não uma nova narrativa do conto que ela compreende sem a representação. E como é bom que as crianças não se interessam por questões pedagógicas.

Dessa vez, quero estar nesta questão junto com as crianças. Pode ser que isso não seja inteligente para o adulto, mas pelo menos é divertido. E já que é interessante (e terrivelmente interessante!), então cuidem para que existisse o teatro infantil (já existem livros, canções, quadrinhos para crianças); para que ele fosse atencioso e melhor em relação às crianças do que aquele espetáculo no qual eu estive e que as crianças assistiram suspensas no ar: que desse à criança o que ela precisa e o que ela pode.

Existem possibilidades externas para isso. Há tantos círculos de dramatização nas escolas, quantos espetáculos. Não precisa procurar as crianças prodígio, mas inventar e organizar uma vez num certo tempo uma grande brincadeira para as crianças. É preciso semear não apenas “o racional, a bondade, o eterno”, mas cuidem de alguma forma também do divertido, do ócio, do interessante. Ponham sal do pedacinho de pão para a criança, senão fica inosso e seco – sal de rizo e lágrimas, sal do teatro. (L. S. Vigotski⁴)

No ano de 2022, foi publicado o livro “Liev S. Vigotski: escritos sobre arte”, organizado, traduzido e com notas de Priscila Marques, contendo a tradução de 38 resenhas teatrais, no período de 1912 a 1928 (Marques, 2022), que foi o resultado de sua tese de doutorado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo em 2015.

O primeiro contato com a produção de Vigotski sobre resenhas teatrais ocorreu na palestra proferida por Vladimir Sobkin, responsável pela organização do primeiro volume das Obras Completas de L. S. Vigotski (VERESK, 2017), da Academia Russa de Educação, no VERESK III, realizado em junho de 2016, na cidade de Niterói, na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Nos trabalhos sobre o teatro, no início de sua carreira, já se revela com muita precisão a lógica geral que define a especificidade metodológica da abordagem histórico-cultural que, mais tarde, será efetivada em suas investigações psicológicas fundamentais. [...] O interesse pelo gênero teatral tem para Vigotski um significado peculiar, pois o gênero apresenta-se como uma unidade da gênese em sua análise crítica. Nas análises dos espetáculos, primeiramente, ele partia da especificidade da definição geral do gênero (opereta, melodrama, comédia, drama etc.). Ao analisar a especificidade de tal abordagem no contexto das ideias psicológico-pedagógicas contemporâneas, é possível concluir que, como um crítico teatral, realizou a ascensão do abstrato para o concreto. Sua orientação em direção à revelação de contradições-chave entre os diferentes níveis de organização da obra artística (“material e forma”) apresenta-se como o principal procedimento que permite efetivar o método dialético de pensamento no processo de análise da obra artística. (Sobkin, 2017, p. 7 - 8)

Como resultado do colóquio, foi publicado o Cadernos Acadêmicos Internacionais VERESK que

⁴ Resenha de L. S. Vigotski publicada em *Nach Ponedelnik*, nº 35, de 07.05.1923, p. 3.

contém um texto de sua autoria com recortes sobre as resenhas do Vigotski.

Uma das escolhas de propor essa releitura de Hamlet ocorreu devido à paixão de Vigotski pelo texto de Shakespeare, Hamlet. O seu primeiro livro foi “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca”, publicado em 1916, monografia de final de curso: “O livro de Shakespeare acompanhou-o a vida inteira” (Prestes, 2010, p. 26).

Diferentemente da pesquisa realizada no doutorado, quando pesquisei o teatro com bebês, (Pereira, 2018), o número de bebês participantes foi relativamente pequeno. Na UEI-UFF foram aproximadamente 12 crianças e na Creche Estrelinha Azul 19 crianças, espaços nos quais as professoras regentes participaram ativamente. A atividade, autorizada pelas duas instituições, foi registrada com fotos e vídeos.

Pensar num teatro “de” e “com” bebês andantes e crianças pequenas é propor uma poética ciência que promova a autoria das crianças.

Cena 1 Aparição do rei assassinado

“HORÁCIO - Quem és tu que assim usurpas esta hora da noite e esta nobre forma guerreira que revestia a Majestade da Dinamarca sepultada? Pelo céu, ordeno que fales!” (Shakespeare, 1978, p. 203).

Ao chegar à Unidade de Educação Infantil em Niterói para fazer a atividade, entro na sala, sou apresentado às crianças pela professora titular e pela professora auxiliar. As crianças estavam pesquisando teatro no contexto da pedagogia de projetos.

Iniciei a narrativa argumentando que iríamos fazer teatro juntos e, para que isso acontecesse, pedi ajuda para montar o espaço da atividade: forramos a sala com algodão cru, tendo a maioria ajudado a desenrolar o tecido, espalhando-o pela sala. Na Creche Estrelinha Azul, o processo foi parecido: o espaço foi um terraço coberto com acesso ao jardim no qual as crianças organizaram o tecido no chão (figura 1).

Uma das inspirações na elaboração da atividade foi o empréstimo do conceito das artes visuais da profa. Ana Mae Barbosa, a releitura, que transpusemos para essa atividade cênica. “A releitura é uma atividade possível e quanto mais problematizadora mais criadora” (Barbosa, 1998, p. 40). A produção da cena com as crianças ocorreu em clima de alegria brincante.

Figura 1

Organização espacial para o início da atividade UMEI-COLUNI-UFF e Creche Estrelinha Azul



Fonte: Acervo GRUPEGI

Após a montagem do palco, sentamo-nos sobre o tecido e comecei a narrativa.

- *Era noite, estávamos sem energia elétrica, chovia e trovejava*⁵. Retirei de uma das malas um enorme tecido de escaline preto, para simbolizar a noite. Distribuí pequenas lanternas de luz de led (*Light Emitting Diode*) às crianças.

- *Vamos entrar na noite. Quem tem medo de fantasma?* Comentei e todos foram para debaixo do tecido com as lanternas acesas. A descoberta da noite gerou muita animação e enunciações, principalmente as lanterninhas acesas em suas mãos, procuravam de forma incessante algo que não existia, ou seja, um fantasma. Gritos e correrias sob o tecido preto, foram intensos e fomos inebriados por aquela alegria. (figura 2).

A brincadeira, como uma das dimensões languageiras humanas, é fundante para a atividade, tendo, na infância, a grande potência criadora. As crianças se envolveram na proposta da primeira cena: no texto original, é a aparição do pai de Hamlet falando sobre sua morte e, na proposta da atividade, é uma noite sem energia elétrica com chuva e trovões em um lugar brincante cheio de fantasma.

Assim, surge uma contradição extremamente interessante: a criança opera com os significados dos objetos separados dos significados das ações, mas opera com eles sem interromper a relação com qualquer ação real e com qualquer outra coisa real. Esse é exatamente o caráter transitório da brincadeira que faz com que se transforme num elo intermediário entre as amarras situacionais da primeira infância e o pensamento isolado da situação real. (Vigotski, 2008, p. 31)

⁵ Adotamos o itálico para sinalizar a narrativa.

Figura 2
Releitura brincante da visão de Hamlet



Fonte: Acervo GRUPEGI

Assim, após o entusiasmo da primeira cena, retomei a narrativa, solicitando:

- *Vamos guardar a noite?* Todos ajudaram a recolher o tecido-noite e começamos a próxima cena com a noite sendo dobrada e colocada de volta na maleta, guardando a noite e operando nas linhas tênues que criamos para desenhar nossas vidas em seus ciclos. A noite chegara ao fim.

Cena 2 – A corte e o novo rei

“REI – Embora a morte de nosso caro irmão Hamlet ainda permaneça viva em nossa recordação e convenha-nos manter enlutados nossos corações e seja nosso reino submetido a um só gesto de pesar, entretanto, a razão lutou até agora de tal modo com a natureza que já pensamos nele com uma dor mais prudente, sem nos esquecermos de nós mesmos...” (Shakespeare, 1978, p. 207).

- *Agora vamos organizar a sala do trono. Vamos vestir as fantasias e sermos reis e rainhas.* Retirei da mala uma almofada e um tecido vermelho. As crianças organizaram o espaço e começaram a se vestir com as fantasias disponíveis (figura 3).

Na UEI da UFF, fizemos uma oficina de coroas com papel cartão: eles riscaram, cortaram, com a anuência dos adultos educadores, e grampeamos. Assim, reis e rainhas povoaram o espaço. Na Creche Estrelinha Azul não fizemos a oficina, mas alguns vestiram as fantasias que representavam reis e rainhas e fomos para a cena seguinte.

Figura 3

Releitura brincante da sala do trono UEI-COLUNI-UFF e Creche Estrelinha Azul



Fonte: Acervo GRUPEGI

Cena 3- O metateatro

"HAMLET – Como! São crianças de verdade? Quem os mantém? Que pagamentos recebem? Perderão os privilégios que possuem quando mudar de voz? E, mais tarde, se chegam a ser comediantes ordinários (como é muito provável, se não melhoram de fortuna), não acusarão os autores de só lhes darem a declamar aquilo que seja contra o próprio futuro? [...]

GUILDENSTERN – Estão chegando os artistas [...]

HAMLET – Cavalheiros, sois bem-vindos em Elsenor. Apertemo-nos as mãos. A cortesia e a etiqueta são companheiras de uma boa acolhida. Permiti que vos trate desta forma, a fim de que minhas atenções para com os atores, não pareçam superar as que vos dispenso. Sois bem-vindos, mas o meu tio-pai e minha tia-mãe estão errados.

POLÔNIO – São os melhores atores do mundo, tanto para a tragédia, como para a comédia, a história, a pastoral..." (Ibidem, p. 242 - 243).

A cena 3 é a continuação da cena anterior, acrescida da oferta de bonecas. Falei:

- Agora os reis e rainhas irão ouvir as conversas entre as bonecas dos amiguinhos.

Algumas crianças brincavam de boneca, elaboraram diálogos para os reis e as rainhas que estavam sentados no trono, falando baixinho entre elas (figura 4). Algumas queriam apenas segurar a boneca, os reis e as rainhas também queriam brincar e assim se misturavam alegremente. Algum tempo depois comentei:

- Recebemos uma mensagem do reino vizinho de que surgiu uma pandemia, é uma doença muito perigosa, a recomendação é que todos devem usar máscaras.

Assim, distribuímos as máscaras descartáveis às crianças, que se ajudavam para colocá-las, contando também com a nossa ajuda.

Figura 4

Releitura brincante com bonecas da apresentação da peça para o rei e rainha - UEI-COLUNI-UFF e Creche Estrelinha Azul



Fonte: Acervo GRUPEGI

Assim, iniciamos a próxima cena.

- *Uma das filhas do rei está muito doente, ela foi contaminada pelo vírus. Acabou de chegar a notícia de que ela morreu. Vamos organizar o enterro.*

Cena 4- A morte de Ofélia

“PRIMEIRO SACERDOTE – Suas exéquias foram celebradas em toda a pompa que o caso permitia. A morte dela foi suspeita, e, não fosse um braço superior que nos permitiu infringir a regra, não teria ela podido esperar em terra abençoada a trombeta do julgamento final, e, no lugar de piedosas preces, somente escombros, pedras e calhaus teriam sido nela atirados. Não obstante, foi-lhe concedido um orvalho de flores e suas coroas virginais, bem como ser conduzida para a derradeira morada com serviço fúnebre e dobre de sinos” (Ibidem, p. 309).

A inspiração da composição da cena foi baseada na obra *Ophelia*, de Sir John Everett Millais. (figura 5). Pegamos um pano azul, deitamos um cavaquinho sem cordas, já usado, sobre o tecido e distribuímos folhas secas e flores de plástico com as crianças. Fizemos um cortejo ao som de músicas renascentistas das quais disponibilizo aqui duas - *Prologue* (1509-1533); *Pastime whih good company* com Henry VIII/Frotola e *Requiem: Versa Est*, com Tomás Luis de Victori – no seguinte endereço eletrônico <https://qr-code.click/i/p/68082a4b4f3b5>, acesso livre com o aplicativo Spotify.

Então, após todas as crianças estarem com máscaras, passeamos com algumas puxando o tecido pelo chão, na UEI-UFF; na Creche Estrelinha Azul elas seguraram o tecido azul (figura 6) com o cavaquinho, com as flores e a música compondo a atividade.

Distribuí as folhas e flores e falei:

Figura 5

Ophelia



Fonte: Coleção da Tate Britain, Londres – Sir John Everett Millais - 1851–52 – óleo sobre tela. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/millais-ophelia-n01506> acesso em 06.04.25

-Vamos fazer um passeio com o cavaquinho, que representa a princesa, e vamos jogar as flores e folhas nela (figura 6).

Figura 6

Releitura brincante sobre a morte de Ofélia - UEI-COLUNI-UFF e Creche estrelinha azul



Fonte: Acervo GRUPEGI

Assim, na UEI-UFF, caminhamos entre duas salas. Na Creche Estrelinha Azul fomos até a área em frente do pátio onde estávamos. Nas duas instituições houve adesão à atividade estética e as vivências decorrentes daquele momento mobilizaram-nos com a produção de sensibilidade das crianças ao se entregarem àquele acontecimento. Ali, em cortejos, muitos elementos do viver humano se misturavam:

Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 27, Dossiê: Pesquisa com bebês e crianças/Artigos, e-48739, 2025

vida, morte, acolhimento, flores, cuidado, mãos unidas em atitudes responsivas pelo outros, as belezas e amarguras da vida se embaralhando e embalando no ir e vir do tecido. Movimento!

Ao retornamos para a sala do trono na UEI-UFF, iniciamos a cena seguinte.

Cena 5 – Ser ou não ser

“HAMLET – Ser ou não ser, eis a questão! O que é mais nobre para o espírito: sofrer os dardos e setas de um ultrajante fado, ou tomar armas contra um mar de calamidades para pôr lhes fim, resistindo? “(Ibidem, p.252)

Na UEI-UFF, elaboramos um espaço com máscaras de caveiras e distribuímos caveirinhas. Perguntei:

- *Agora, quem quiser, complete a frase: ser ou não ser* (figura 7).

Algumas crianças responderam:

- *Tomar banho!*

E todas repetiram:

- *Tomar banho!*

Um silêncio de reflexões ou da ausência delas se enunciou, as crianças recomeçaram a brincar com os objetos de todas as cenas que estavam espalhados pela sala. A questão relativa a morte, sobretudo a morte de Ofélia por covid, não causou impacto, a abordagem estética na perspectiva cênica foi brincante e a participação das crianças foi bem intensa.

Assim, após quase uma hora e meia de atividade, promovemos um abraço coletivo, com muito carinho. Ao final, pedi ajuda para desmontar e guardar o cenário e adereços. Algumas crianças ajudaram, outra continuaram brincando e, depois de tudo desmontado e guardado, despedi-me de todos.

Na Creche Estrelinha Azul, não fizemos a atividade das caveirinhas, partimos para o abraço coletivo com muitos gritos, sorrisos e beijos (figura 7).

As crianças correram para o parquinho, eu desmontei o cenário e guardei nas malas, despedindo-me das pessoas tão queridas e desse encontro que nos colocou em intenso aconchego e acolhimento tendo por bases os enunciados de um tempo distante e que agora eram vivenciados naquelas unidades de educação infantil, de forma coletiva, com a presença das crianças.

Figura 7

Releitura brincante do texto “Ser ou não ser” 3º ato cena 1 – Abraço coletivo UEI-COLUNI-UFF e Creche Estrelinha Azul



Fonte: Acervo GRUPEGI

Considerações finais

“HAMLET - Pois como estranho demo-lhe acolhida! Há mais coisas, Horácio, em céus e terras, Do que sonhou nossa filosofia. Mas vinde. Agora e sempre (o céu nos valha), por estranho que eu possa parecer-vos - Se por acaso, doravante, eu queira Tomar uma atitude extravagante -, jurai que nunca, quando assim me virdes, não tereis nenhum gesto, nem meneio, nem direis qualquer frase duvidosa, como “ora, nós sabemos” ou “podíamos, se quiséssemos” ou “se nós falássemos”, “há quem possa falar”, ou outra frase ambígua, pela qual se desconfie, algo de mim, jurai. Nesses momentos, graça e misericórdia vos ajudem!” (Ibidem, p. 202)

A condição humana do inacabamento nos promove o alento de consideramos os estudos de bebês e crianças enquanto uma possibilidade teórica e uma posição política que dialogue com o alargamento do conhecimento, a urgente necessidade de assumirmos uma ética humanizada e uma estética para além da audiência de auditório.

Pesquisar enquanto vocábulo tornou-se uma expressão presente em muitos enunciados na academia onde se encontram muitas disputas conceituais em torno desse termo e das diferentes correntes ontológicas e epistemológicas que foram se consolidando institucionalmente e forjando campos de ideias e concepções que se desdobraram em métodos e metodologias, em muitos caminhos possíveis para se chegar a determinados objetivos.

A *pesquisa com* emerge como uma dessas possibilidades, buscando estabelecer uma relação outra entre aquele que chega (o pesquisador) e aqueles que estão (os pesquisados). Assim, assumir o

outro numa perspectiva dos estudos bakhtinianos é uma condição de fazer *pesquisa com*: “O primeiro momento da minha atividade estética consiste em identificar-me com o outro: devo experimentar — ver e conhecer — o que ele está experimentando, devo colocar-me em seu lugar, coincidir com ele [...]” (Bakhtin, 1997, p. 29).

Figura 8
Creche Estrelinha Azul e UEI-COLUNI-UFF



Fone: Acervo GRUPEGI

Nessa perspectiva, *pesquisar com* pode ser entendido enquanto uma condição de produção de intencionalidade que ao assumir o acontecimento ou evento, para os estudos bakhtinianos, enquanto possibilidade relacional, favorece o surgimento de enunciações estéticas do outro. “somente o evento singular do existir no seu efetuar-se pode constituir esta unidade única” (Bakhtin, 2017, p.43),

Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais –, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente (Bakhtin, 2003, p. 11).

A enunciação social das crianças a partir das ofertas brincantes, assumindo uma narrativa contemporânea, inspirada num clássico do teatro, possibilitou a elaboração de uma atividade estética que possibilitasse estreias de olhares (Pereira, 2014), o que impulsionou a vontade dos bebês andantes e das crianças de participar ativamente da atividade proposta.

primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar - ver e inteirar-me - o que ele vivência, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele (no modo, na forma possível dessa compenetração; deixemos de lado a questão psicológica da compenetração; basta-nos o fato indiscutível de em certos limites ela ser possível) (Ibidem, p. 23 - 24).

A teatralidade inerente a todo ser humano costurou os encantados encontros com a poética da infância.

Consideramos que a *pesquisa com* se revelou neste artigo a partir de uma proposta de atividade estética que dialogou com alguns conceitos: participação, enunciação, acontecimento, brincadeira, teatralidade do humano, escuta sensível, linguagem, autoria, cooperação e estética, gestando uma possibilidade metodológica de alargarmos tal conceito.

Referências

ÂNGELO, Nelson. **Fazenda**. In: NASCIMENTO, Milton. Rio de Janeiro: EMI Records Brasil Ltda, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BARBIER, René. A escuta sensível em educação. In: ANPEd, 5, 1992, Caxambu. **Cadernos ANPEd**. Porto Alegre: Anped, 1993. p. 187 - 216.

BARBOSA, Ana Mae, **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil**: espaços e tempos desacostumados. Porto Alegre: Mediação, 2018.

MARQUES, Priscila. **Liev S. Vigotski**: escritos sobre arte. Bauru- SP: Mireveja, 2022.

MARQUES, Priscila Nascimento. **O Vygótski incógnito**: escritos sobre arte (1915-1926). Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEREIRA, Luiz M. **Teatro com bebês, enunciações e vivências**: encontros da arte com a vida. Tese (Doutorado em Educação). Niterói, RJ. Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2018.

PEREIRA, Luiz M. **Teatro com bebês, estreia de olhares**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ. Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense,

2014.

PRESTES, Zoia R. **Quando não é quase a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: Repercussões no campo educacional. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. Coleção educação contemporânea.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta; Macheth; Hamet, Príncipe da Dinamarca; Otelo, o mouro de Veneza**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SHAKESPEARE, William. **Grandes obras de Shakespeare**. Volumes 1, 2 e 3, tradução Barbara Heliodora. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

SOBKIN, Vladimir. As resenhas teatrais de L. S. Vigotski como início da concepção histórico-cultural. In: **VERESK** – Cadernos Acadêmicos Internacionais Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Brasília. UniCEUB, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Mariângela Tostes Innocêncio